

VISITE RASHIDIYA

Livro 78

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



PODER NEFASTO

O medo paralisa, ameaças confinam povos, liquidam opositores, dominam notícias, interferem na ação política dos países, donos de poderes, do sub-mundo, de meios de comunicação, inventam terroristas, quando o terrorismo de Estado destrói povos e países. Nos confundem com formas, com intenções, com muros, com vinganças. Compram e vendem políticos e políticas internacionais. Impera hipocrisia, circula dinheiro sujo de sangue, impostos sobre a fome e embargos miseráveis contra Gaza. O mundo enganado, facilmente. O mundo está em perigo, os donos do poder e do dinheiro expropriam nossa consciência social, silenciadas as vítimas usam a ofensa, destrói a identidade de um povo pacífico que acolheu e conviveu com 20% de sua população de hebreus. Nenhum deles sabia que o custo de acolher os sionistas destruiria toda ordem e ali se imporia um poder nefasto.

DESPOSSUÍDOS

Como criar-se para os desesperançados redes de ligação com a vida? Que questão? Pois ela transcende ideologias, o mensurável e o considerável da vida que vivemos e nos acostumamos a aceitar. Chega às fronteiras da miséria incorporada promovendo categorias para a depressão, que vai mais fundo que a construção cinza da patologia individual e pessoal, ala atinge lugares sociais e constantemente avisa todos os dias para esse grupo de desenganados que existe a exclusão e a não esperança. São humanos excedentes aos quais ninguém dá importância, e o pior, se sabe que nunca irão dar, são sobrantes do capitalismo selvagem. É um povo não computado, despossuído de qualquer traço de identidade, aculturado, sem nome e sobrenome, discriminado, desativado.

FAÇO LEMBRAR

Faço lembrar que cresce a pobreza, a discriminação e a miséria no mundo inteiro. esta condição impõe vicissitudes no comportamento dos grupos humanos. Cresce a força do trabalho alternativo criando-se uma enorme economia informal. A união pela supervivência trouxe um incremento da capacidade de amar na adversidade, e curiosamente, al contrário do que se vê na classe média, entre os pobres e os miseráveis há uma primazia do bem-estar do grupo sobre o bem-estar individual.



ATROPELANDO DESTINOS

A perpetuação da miséria, o desamparo, a pobreza e a exclusão social são formas de matança, são genocídios, são filicídios, são desumanidades autorizadas por uma elite educada que as mantém. A manipulação dos grupos humanos gerando fenômenos de massa como esse são frequentes. Somente a solidariedade dos grupos que criam redes podem neutralizar esta globalização do menosprezo que determina e atropela os destinos desta parte da humanidade.

A AUSÊNCIA DE SONHOS

A ausência de sonhos defino como uma patologia da ambição. Quando alguém perde a capacidade de sonhar é porque renunciou à autodeterminação de sua vida. A colonização do outro se dá por invasões mal disfarçadas de educação coletiva e formal. Para isso se usam armas ideológicas do convencimento que manipula saberes que mitificam o supérfluo e condenam as virtudes à categoria de um objeto de consumo protegida por alguns menosprezados chamados de sonhadores e utópicos.



INCAPACITADOS

Aqueles que acreditam na esperança são tratados por esse modelo como Incapacitados sociais porque acreditam em seus direitos e desafiam as populações que só pensam em ganâncias, vivem de manipular a todos.

UMA DIMENSÃO

A dimensão do homem que sofre de esperanças, ainda que o queiram transformar em idiota passivo, envergonhado de ser portador da indignação, lhes tratam com preconceitos e indiferença porque eles falam em voz alta, aquilo que os demais querem fazer calar. Esse sonhador, é blindado, inventa a resistência e volta cada vez mais imune como o homem da tolerância que cria e recria a luta. Ele tem o dom de suportar e ter paciência (como afirmam os expatriados palestinos). Treinou para exercer a recusa ao servir, sua ruptura com a servidão lhe permite tomar a vida suportável já que o provisório ocupa o lugar do durável.



MATANÇA DIÁRIA

A pobreza e a humilhação diárias são dolorosas. Comparado com as guerras essa matança diária deixa marcas inesquecíveis. Trata-se de crimes contra a

humanidade. Vivem da recusa do outro em considerá-los gente-como- a gente. São consideráveis imbecis, corrompidos em seus direitos e exigidos a cumprir a todos os deveres. Essa pobreza vergonhosamente imposta aos habitantes de excluídos do planeta, é como uma faca cravada nas costas., resultam de dívidas e saques feitos por governantes vende-pátrias e países assaltantes e que cada pessoa acostumou a levar como parte da anatomia, se fez parte da pele morena castigada por negra e indígena ou sadias miscigenações. Esses excluídos querem somente ter uma vida, viver uma vida. Entretanto se lhes nega o direito a viver. Curiosamente eles criam resistência ao vírus do abandono e do pouco caso que se lhes faz e seguem resistentes aumentando o impasse da diferença de classes e oportunidades. Aumentam o número de filhos como se defendendo da tentativa genocida de extermínio.

DORME NAS PRÓPRIAS MÃOS - ALI AHMAD SAID ESBER

Estende as palmas das mãos
para a pátria morta, para as ruas mudas
e quando a morte gruda em seus olhos
ele veste a pele da terra e das coisas
dorme nas próprias mãos.



INVENTORES DE RESISTÊNCIA

Inventores de um espírito de resistência à injustiça, dessa forma criam memórias que lhes sigam identificando com seus referenciais históricos, escapam ao memoricídio (termo usado por Christian Salmón: em Sabreen ou a paciência, no libro Viagem à Palestina, Págs.100-101.Ed. Ediouro, Brasil, 2004): “A paisagem é um espaço de sinais e pontos de referência. Uma página que se pode ler, na qual se pode reconhecer uma história. A primeira coisa que choca e maltrata o olhar

quando se chega na Palestina é a mistura generalizada da paisagem. Perda de referências. Desorientação. O que se vê em ação ou em via de constituição não é a criação de um acordo comum de um Estado (palestino) ou binacional, o de dois Estados (israelense e palestino), mas o desmoronar da paisagem, a dissolução da paisagem. A abolição do território...

Não é a primeira vez que rebatizamos os lugares. Que substituem o nome de uma rua ou de uma cidade por outro. Que desfazem e refazem os acidentes geográficos. Na Bósnia, chama a isso de memoricídio. Porém aqui não se contentam em mudar os nomes. Desfazem os lugares. Florestas, Colinas e Estradas...É o próprio território que é objeto da desfiguração. A geografia, dizem, serve, primeiramente para fazer a guerra. Na Palestina, a guerra serve sobretudo para desfazer a geografia.”

A DESFIGURAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE OCUPAÇÃO

A desfiguração é uma estratégia de países e de elites interessadas em desocupar o lugar de pertinência dos menos favorecidos. São formas sutis de apropriação indevida do direito do outro. Porém isto feito de uma forma tão sutil que o colonizado, ainda que expatriado de seu território e seus direitos não sabe disso, pensa que é assim mesmo e que não teve sorte na vida e que não se lhes deram oportunidades pelo acaso, ou porque melancolicamente crê que não o merecem. Ocupa-se todo o referencial, alcançando apropriar-se do espaço e do tempo excluído.



ALI AHMAD SAID ESBER

Damasco, tuas sementes não estão nas mãos dele, nem em seus passos, de que lhe servem então os campos?

FAÇO LEMBRAR

Faço lembrar que cresce a pobreza, a discriminação e a miséria no mundo inteiro. esta condição impõe vicissitudes no comportamento dos grupos humanos. Cresce a força do trabalho alternativo criando-se uma enorme economia informal. A união pela supervivência trouxe um incremento da capacidade de amar na adversidade, e curiosamente, al contrário do que se vê na classe média, entre os pobres e os miseráveis há uma primazia do bem-estar do grupo sobre o bem-estar individual.



CONHECER OS EXCLUIDOS

Conhecer os absolutamente excluídos e vitimizados, os sem saída, esses e outros como os camponeses, exilados, refugiados, gentes simples, populações pobres expulsados, curiosamente mobilizam a alma e a criatividade, permitem uma arqueologia da partilha e das saídas solidárias, faz muito esquecidas pela elite educada que se refugia detrás das grades evitando o vizinho.

FRATURA ENTRE CLASSES

É praticamente nula a comunicação na maior parte dos países entre a elite educada e a pobreza abandonada. Porque a própria natureza hierárquica de uma sociedade inibe a comunicação entre eles. Essa Latino América acostumada ao roubo e ao extrativismo, aculturada e dessangrada fazem 500 anos, espoliada em seus bens, teve sua população autóctone dizimada, seus bens sequestrados, sua identidade violentada.



A POBREZA APRISIONA

A pobreza frequentemente promove melancolias na população que acaba acreditando-se culpada de seu estado e cria uma sub cultura e isso afeta a participação dos membros dessa classe social que crê que se pode lutar para superar a cultura da pobreza.

POBREZA CONSTRUÍDA

Por tudo isso conhecido na construção reiterada da pobreza, qualquer nova via de participação teria que levar em consideração que há que criar novas oportunidades educativas que diminuam as diferenças de níveis. Acabar com a pobreza não significa eliminar aos pobres, mas ajudá-los a deixar de sê-lo.



EDWARD SAID:

Israel realiza uma ocupação colonial, fazendo pouco caso das dezenas de resoluções da ONU na Cisjordânia e em Gaza.

COMPLACÊNCIA

A complacência se impõe e mostra a importância das concessões, aceitar presenças, dizer o que não acredita, manifestar sinceramente e mentir sinceramente. A noção de finitude dá a restauração do tempo útil e da inutilidade da farsa. Como se encaminha o trajeto da despedida que diariamente se aprende. Desde que se nasce se aprende, a imprevisibilidade nos leva para paisagens inesperadas, sem filtros a novidade encanta ou espanta.



SILÊNCIO SOBRE JERUSALEM

O silêncio paira sobre Jerusalém, homens sábios e pacientes guardam a memória que resiste, território milenar. O silêncio paira sobre um arsenal atômico, cala a boca da experiência que aprendeu a ter paciência, espera a hora de falar que nada é eterno, que o vento que sopra para lá, soprará para cá.

SEQUESTRO TERRITORIAL

O sequestro de terras é a maior ofensa que se pode fazer a um povo. A perda da identidade, da segurança alimentar, da água, da terra fértil, da autonomia, é a eliminação radical da existência. Os que guardam a chave de casa marcam a propriedade, haverá retorno, a paciência encaminhará.



A PENA E A ESPADA – EDWARD SAID

“Senti que os palestinos dentro de Israel agiam e falavam como se aquele fosse o país deles. Não estavam lá por tolerância ou condescendência. Estavam lá porque pertenciam àquele lugar. Fiquei contente de presenciar isso.”

DESCONFIEM

Desconfiem de certas benevolências, dos campos de concentração, renomeados de refugiados, desconfiem dos oásis que se arroguem superiores, nem do povo que festeja a miséria que impõem. Você acredita nessas coisas? A sinceridade só tem sentido se cruzar a fronteira e derrubar o muro.



ELAS CHORAM POR SEUS FILHOS

Sabendo sua ausência ser irreversível, elas choram seus filhos, seus corações desabitados, berço de lágrimas preenchendo vazios, a raiva sem rota sempre faltando a mesma coisa, a pessoa anda vagando pela memória, a pressa das dores reiterando o muro e o fuzil covarde, por onde a alma voa farta de penas, o que ficou lá longe, a sombra das oliveiras.

VISITE RASHIDIYA

Visite Rashidiya, leve seu espanto de visita, restos de libaneses, sangue de palestinos, pedaços de objetos, casas abandonadas, onda expansiva misturando uma parede e um braço. Venha ver o campo de concentração rebatizado de campo de refugiados, venha dar memória ao que fizeram esquecer. Na volta chegue até Sabra e Chatila, o avanço e suas limpezas étnicas, cheire o sangue dos inocentes. Aprendizes repetem o genocídio, o argumento é sempre o mesmo, o povo que prejudica o povo do Levante. Novas nomenclaturas, mesmos genocídios. As lágrimas e as memórias seguem as dores.



MARES PROIBIDOS

Os fenícios avisados singram pelos mares proibidos de voltar à palestina desapropriada. Sequestradores fazem negócios de armas e publicidades, se apossaram do mediterrâneo para tingi-lo de o vermelho dos inocentes, administram campos de concentração, celeiros e paióis de bombas atômicas e ideologias brancas sempre na crista da ganância.

OLHAR QUE ME SANGRA

Olhar que me sangra. Não combino com o olhar abutre que lá vem cegar, vento carrega os maus agouros e a lama que se avizinha. Assim desordeno a ordem recebida a invasão mal redigida. O silencio dos ignorados e dos ignorantes, o cinismo transgredindo, dá-nos um osso duro de roer, um feudo herdado, um rastro do poder estendido, disfarçado, organizado, dizimando a fé e a confiança, cansando o esperar. Abutres colecionam caos como pretexto para o encerro, o desterro, o enterro.



MEDITERRÂNEO A SÓS

As sereias avisam que não deixarão o Mediterrâneo a sós, que não perdoarão os maremotos, os invasores, as milhas e as pessoas assassinadas. Que não entregam seus corpos em vão nem suas almas se envolverão em negócios.

O MEDO MATA

O medo mata, o medo deprime, acovarda, paralisa, o medo infiltra, desinveste, desacelera, o medo culpabiliza. O gestor do medo perverte, humilha, traumatiza, induz à melancolia, provoca a tristeza, o desistir, a servilidade e o assistir.



Roberto Curi Hallal

